
LETRAMENTOS DIGITAIS: Propondo um Conceito

Polianny Ágne de Freitas Negócio¹

Vicente de Lima-Neto²

Elaine Cristina Forte-Ferreira³

Resumo: Desde a década de 1980, com os Novos Estudos de Letramento (STREET, 1984), em que se propôs a ideia de que os letramentos são múltiplos, são variados os trabalhos que assumem diferentes adjetivos para o letramento, como acadêmico, cultural, escolar, multimodal, semiótico, crítico e digital, este último sobre o qual nos debruçamos. Como desdobramento do trabalho de Negócio (2020), nosso objetivo aqui é discutir o conceito de *letramentos digitais* (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016), explorando os aspectos técnicos e a mentalidade que se constituem diante dessas práticas sociais de uso da linguagem em ambiente digital. Para tal, fazemos um resgate histórico sobre essa concepção, mostramos como elas se fundamentam e sugerimos uma reformulação do conceito, apoiados nos Novos Letramentos (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007; 2014).

Palavras-chave: Letramentos digitais. Tecnologias digitais. Novos Estudos do Letramento.

Abstract: Since the 1980s, with the New Literacies Studies (STREET, 1984), in which the idea that literacies are multiple was proposed, there has been a variety of works that assume different adjectives for literacy, such as academic, cultural, school, multimodal, semiotic, critical and digital, the latter on which we focus. As a result of the work by Negócio (2020), our objective here is to discuss the concept of digital literacies (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016), exploring the technical aspects and the mentality that are constituted in the face of these social practices of language use in an environment digital. To this end, we make a historical review of this conception, show how they are based and suggest a reformulation of the concept, supported by the New Literacies (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007; 2014).

Keywords: Digital literacies. Digital Technologies. New literacies studies.

Considerações iniciais

Os avanços científicos e tecnológicos dos recursos digitais incorporaram à vida das pessoas aparelhos como computadores, notebooks e celulares, para citar alguns, os quais proporcionaram novas formas de comunicação, armazenamento de dados e mobilidade em atividades de diversas esferas, como acadêmica, profissional e cotidiana.

¹ Mestrado ENSINO pela Universidade Federal Rural do Semi-Arido.

² Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará.

³ Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará.

Em meio a esse cenário, as redes sociais ocupam um lugar de destaque. Um estudo realizado pelo Statista⁴, que é um banco internacional de estatísticas, revelou que, até o final de 2021, o Brasil totalizava cerca de 159 milhões de pessoas acessando as mídias sociais diariamente, com previsão de que, até 2026, esse número aumente para 184,76 milhões, crescendo, no mínimo, 16,18% de usuários nos próximos anos. De acordo com a pesquisa, o Instagram, acessado por 89% das pessoas, ocupa o 2º lugar dentre as redes sociais mais utilizadas pelos brasileiros e faz do Brasil o 2º país com maior número de usuários da plataforma, atrás só dos Estados Unidos.

O Instagram é apenas um dos exemplos dentre as inúmeras possibilidades que existem no universo digital, logo, é importante refletir sobre as práticas de leitura e escrita nesse ambiente. Diante disso, o presente texto de cunho ensaístico tem como objetivo discutir o conceito de letramentos digitais, explorando os aspectos técnicos e a mentalidade que se constituem diante dessas práticas sociais de uso da linguagem em ambiente digital.

A pesquisa será fundamentada, principalmente, nas bases teóricas dos novos letramentos (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007; 2014), discorrendo sobre como esses conceitos se desenvolveram diante de transformações sociais, de tempo e espaço, considerando a ascensão das tecnologias digitais no mundo moderno e suas implicações. As discussões estarão pautadas em refletir sobre as mudanças em torno dos estudos da alfabetização e do letramento até o que compreendemos por Letramentos Digitais.

Organizamos este ensaio em três seções, além destas considerações iniciais: primeiro, fazemos um sobrevoo na história, buscando compreender o percurso seguido academicamente por conceitos como alfabetização, letramento e letramentos; depois nos debruçamos sobre o próprio conceito de letramento digital, nosso foco, e suas variações. Por fim, trazemos a proposição de um conceito de *letramentos digitais*, seguindo para as considerações finais.

4

Disponível

em

<https://www.convergenciadigital.com.br/Internet/No-Brasil%2C-159-milhoes-usam-redes-sociais-diariamente.-YouTube-e-o-campeao-59919.html?UserActiveTemplate=mobile> Acesso em 18 out. 2022.

2 Da alfabetização aos letramentos

Não se pode discutir a noção de alfabetização sem trazer à baila os ensinamentos de Freire (1989), ainda na década de 1960. O educador acreditava que a leitura não se dava unicamente na “memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu.” (FREIRE, 1989, p. 13). Era necessário apontar para a compreensão do mundo, o que o leva ao pioneirismo de mostrar uma dimensão crítica da leitura.

De toda forma, o termo alfabetização faz referência ao processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, o qual pode ser compreendido, de acordo com Abud (1987) em sentido amplo e/ou restrito: em um sentido amplo, a alfabetização proporciona ao usuário da língua competências que podem ser utilizadas em diversas práticas sociais, constituindo-o enquanto cidadão; em um sentido restrito, diz respeito à aquisição do sistema de escrita alfabética, bem como às habilidades de leitura e escrita para codificar e decodificar a língua, conforme retrata Soares (1985).

No inglês, o termo *literacy* não faz distinção em relação aos dois processos, no entanto, diante dos estudos no Brasil, houve a necessidade de distingui-los para uma melhor compreensão dos fenômenos e, mesmo sendo concepções indissociáveis, cunharam-se os termos “alfabetização”, para o sentido restrito, e “letramento”, para o sentido amplo. Desse modo, o termo alfabetização está ligado ao domínio do sistema de escrita alfabética, e o termo letramento, às “condições sociais de uso da escrita” (KLEIMAN, 1995, p. 16). É nessa perspectiva que Freire foi inovador: ele já via, com quase duas décadas de antecedência, o conceito de letramento no que ele chamava de alfabetização.

Vergna (2020) faz um levantamento sobre as principais correntes dos estudos de letramento no Brasil. Segundo a autora, são pelo menos três mais popularizadas: os Novos Estudos do Letramento - NEL (STREET, 1984); a Pedagogia dos Multiletramentos (CAZDEN *et al.*, 1996; COPE; KALANTZIS, 2015); e os Novos Letramentos (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007; 2014).

Os Novos Estudos do Letramento, ainda da década de 1980, possuem como objeto de estudo os aspectos e impactos dos usos da língua escrita, perpassados por uma visão sociocultural. Para Street (2014):

Uma mudança importante foi a rejeição por vários autores da visão dominante do letramento como uma habilidade “neutra”, técnica, e a conceitualização do letramento, ao contrário, como uma prática ideológica, envolvida em relações de poder e incrustada em significados e práticas culturais específicos. (STREET, 2014, p.17)

Considerando esses aspectos, o autor propõe a categorização de dois modelos de letramento: o autônomo e o ideológico. O modelo autônomo se aproxima do que é entendido por alfabetização, desconsiderando as relações socioculturais e envolvendo uma percepção de “transferência” e “aquisição”, enquanto o modelo ideológico se aproxima do que é entendido por letramento, considerando a importância do processo de socialização e o contexto cultural na construção do significado para os sujeitos participantes, conforme reflete Barton (1994), ao retratar que diferentes culturas ou diferentes contextos históricos pressupõem diferentes usos da escrita. A partir dessa compreensão, Street enfatiza práticas de letramento como “as práticas e as concepções sociais da leitura e da escrita” (STREET, 1984, p. 1).

Diante das discussões e considerando que o modelo ideológico se preocupa com as instituições gerais e não somente com as pedagógicas, foi colocada em pauta uma nova abordagem, a qual reconheceria a multiplicidade de práticas letradas em vez de estabelecer um letramento único e universal; logo, se propõe falar de letramentos, no plural, a fim de fomentar o debate sobre o letramento em diferentes campos, e, posteriormente, de múltiplos letramentos, reconhecendo que se deve ajustar e focalizar o letramento como prática social em detrimento do foco na aquisição de habilidades. Assim, é assumido que, em virtude de serem múltiplas as práticas sociais, os letramentos também o são, variando no tempo e no espaço e nas relações de poder que constituem tais práticas (STREET, 2014).

A segunda abordagem, a Pedagogia dos Multiletramentos, apresentou ao mundo um manifesto em que buscavam ampliar a abordagem hegemônica de letramento, que agora deveriam considerar, de um lado, a diversidade cultural e social pela qual passava o mundo e, de outro, as diferentes formas de textualização associadas às tecnologias de comunicação, que consideravam também outras semioses, além da letra, em sua composição. (CAZDEN *et al.*, 1996). Essa perspectiva, que chegou ao Brasil no meio da década de 2000, hoje ecoa em diversos trabalhos acadêmicos e na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), que orienta a educação do país desde sua publicação. É esta a

perspectiva que lança luzes sobre as tecnologias digitais, que culminará na terceira abordagem, os Novos Letramentos.

Esta perspectiva é encampada por autores como Knobel e Lankshear (2007; 2014), que rotulam essa abordagem como tal, para diferenciar dos ditos letramentos tradicionais e para trazer as práticas contemporâneas de leitura e escrita ligadas estritamente às tecnologias digitais. Para tal, entendem que a transição que estão propondo:

Inclui as ideias de uma transição de visões do mundo moderno para o pós-moderno, de uma sociedade e/ou economia industrial para sociedades e/ou economias pós-industriais, da informação/ conhecimento; de uma sociedade e/ ou economia baseada em modelos de Estado-nação autônomos, mas relacionados, em direção a uma configuração cada vez mais global, e assim por diante. (KNOBEL; LANKSHEAR, 2014, p. 47)

Logo não se trata de considerar somente o que está posto nos textos de uma maneira geral, mas todo um contexto de organização das sociedades que vem mudando ao longo do tempo, fazendo com que, para que um letramento seja efetivamente novo, seja considerada tanto uma nova tecnologia quanto uma nova mentalidade (novo *ethos*). Se esses dois novos elementos não forem considerados, corre-se sério risco de estarmos diante de antigos letramentos, sob novas roupagens. Com isso em mente, faz-se jus discutir o conceito de *letramento digital* e *letramentos digitais* que tem aparecido na literatura.

3 Sobre o conceito de letramento digital

Segundo Araújo e Pinheiro (2015), o termo surgiu pela primeira vez na década de 1990, em que apontam diferentes concepções, mas a mais corriqueira atrelada a habilidades e competências individuais. No Brasil, Soares (2002, p. 151) foi a primeira a discutir o termo, considerando o letramento digital como “um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas **de leitura e de escrita na tela**, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel” (grifos nossos). Vê-se que o termo, à época, era ainda atrelado à escrita, consolidando o discurso da supremacia da escrita sobre outras tecnologias. Além disso, não havia sequer a web 2.0.

Buzato (2003, s/p) já avança e considera o letramento digital como:

um conjunto de conhecimentos que permite às pessoas participarem nas práticas mediadas por computadores e outros dispositivos eletrônicos no mundo contemporâneo. [...] Inclui a habilidade para construir sentidos a partir de textos que mesclam palavras, elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície (textos multimodais), a capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informação disponibilizada eletronicamente, familiaridade com as “normas” que regem a comunicação com outras pessoas através do computador.

Aqui outras semioses são consideradas no conceito: elementos multimodais ganham força e, a partir daí, passam a compor os conceitos que circularão no Brasil e no mundo, uma vez que também já se desenhava a chegada da web 2.0 no mundo, o que permitia um maior tráfego de dados nas conexões e já permitia outras composições textuais com imagem e cores variadas.

Desde então, uma série de trabalhos têm se dedicado ao tema e se debruçado sobre definições, dentre os quais se destacam as pesquisas de Carla Coscarelli e colaboradores (COSCARRELLI, 2017; COSCARRELLI; RIBEIRO, 2005; 2009; COSCARRELLI; GOMES, 2022) e de Ana Elisa Ribeiro e colaboradores (RIBEIRO, 2009; RIBEIRO; COSCARRELLI, 2014), para citar apenas alguns. A mais atual definição de Coscarelli, por exemplo (COSCARRELLI; GOMES, 2022, p. 138) centra-se na noção de competências e habilidades:

Letramento digital é a capacidade que as pessoas desenvolvem para lidar com as práticas sociais de compreensão e de produção de textos encontradas em ambientes digitais como sites, redes sociais e aplicativos para diversos fins, que podem ser acessados por computadores ou por dispositivos móveis (COSCARRELLI, RIBEIRO, 2005).

Vê-se, por exemplo, que há remissão a conceitos ainda de 2005, mas não se isentam, nesta proposta, o entendimento de que, nas práticas sociais que se realizam em ambientes digitais, devem ser considerados os textos que são constituídos por diversas linguagens, de forma que o letrado digital consiga produzir sentido e compartilhar esses materiais no ambiente.

Em 2016, a obra de Dudeney, Hockly e Pegrum (2016) propõe um termo plural, o de *letramentos digitais*, que são “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente nos canais de comunicação digital” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 17). Os autores se pautam em diferentes concepções de letramento e tecnologias, espalhadas na literatura, e reúnem todas sob um quadro, que merece ser exposto:

Quadro 1: Quadro dos letramentos digitais

		Primeiro foco:	Segundo foco:	Terceiro foco:	Quarto foco:
		Linguagem	Informação	Conexões	(Re)desenho
Complexidade crescente	*	Letramento impresso			
		Letramento em SMS			
	**	Letramento em hipertexto	Letramento classificatório		
			Letramento em pesquisa	Letramento pessoal	
	***	Letramento em multimídia	Letramento em informação	Letramento em rede	
			Letramento em filtragem	Letramento participativo	
	****	Letramento em jogos		Letramento intercultural	
	Letramento móvel				
*****	Letramento em codificação			Letramento em remix	

Fonte: Dudeney; Hockly; Pegrum (2016, p. 21).

Os autores propõem dezesseis tipos de letramento, todos se irmanando sob o rótulo do digital. O quadro é dividido em colunas – são 4 grupos focais, quais sejam: linguagem, informação, conexões e redesenho – e muitos dos letramentos podem se misturar. Argumenta-se que, embora muitos sejam macroletramentos – os que estão em negrito, portanto, poderiam comportar outros letramentos menores – todos são considerados como um grupo de habilidades diferentes para lidar com mídias digitais.

Essa perspectiva de letramento como habilidade é também sumarizada no trabalho de Oliveira e Paiva (2021), que, depois de desenvolver pesquisa bibliográfica sobre níveis de letramento digital de alunos universitários, chega à conclusão de que a soma das características que seriam específicas do letramento digital são, na verdade, um tipo de competência digital. A autora conclui que o termo letramento “é um termo guarda-chuva e seria suficiente para definir qualquer prática social de linguagem” (OLIVEIRA E PAIVA, 2021, p. 1165), portanto, embora o termo esteja disseminado na literatura, e ela não tenha qualquer pretensão de reverter a questão, não se vê necessidade do uso de uma série de quantificadores para o termo letramento, dentre eles o digital.

No nosso caso, ainda optamos pelo uso dos quantificadores e da pluralização do termo, por nos filarmos aos Novos Letramentos. Entendemos, mesmo assim,

que a própria pluralização do termo letramento digital é usada em diferentes trabalhos, mas sem a reflexão sobre o conceito. É o que nos propomos agora.

4 Conceituando os letramentos digitais

O surgimento das tecnologias digitais, no século XX, se destaca no mundo contemporâneo, pois revolucionou e transformou os múltiplos setores da sociedade já que, principalmente, ampliou as formas de criação, armazenamento e propagação de informações. Conseqüentemente, também ocorreram mudanças nas práticas sociais, na vivência do espaço urbano e na forma de consumir essas informações. Chartier (1998, p. 2) também provoca uma reflexão quando diz que “a transformação das formas e dos dispositivos através dos quais um texto é proposto pode criar novos públicos e novos usos”. Assim, em meio a esse cenário, novas relações de leitura e escrita se estabelecem por meio dos novos suportes em ambiente digital e resultam em novos letramentos.

Leu *et al.* (2013) retratam que o significado de letramento acompanha o tempo e o espaço, portanto, novos tempos requerem novos letramentos. Logo, é importante compreender o que são esses novos letramentos e quais aspectos se diferenciam do que já entendíamos por letramento(s) para avançar nas discussões. Partindo disso, nos apoiaremos em Street (1984), considerando que, diante de novas práticas sociais, surgem novos letramentos, assim como na perspectiva trazida por Knobel e Lankshear (2007; 2014) de que novos letramentos se distinguem a partir de duas categorias: “aspectos técnicos” e “aspectos do ethos”.

Assim, partimos das concepções de Knobel e Lankshear (2007; 2014) para tratar dos letramentos digitais como parte desses novos letramentos. De acordo com a abordagem dos autores, esses novos letramentos não se resumem aos aspectos técnicos de operacionalizar tecnologias digitais, pois possuem como princípio fundamental a constituição de uma nova mentalidade, caso contrário, não teríamos um novo letramento e sim uma replicação de práticas antigas por meio de aparatos tecnológicos. Knobel e Lankshear (2007) apontam que:

A importância do novo material técnico tem principalmente a ver com a forma como ele permite as pessoas a construir e participar de práticas de letramento que envolvem diferentes tipos de valores, sensibilidades, normas e procedimentos e assim por diante daqueles que caracterizam os letramentos convencionais. (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007, p. 17)

Com isso, consideramos que essas tecnologias não garantem sozinhas o que chamamos de novos letramentos. Faz-se necessário avaliar de que forma elas permitem a participação das pessoas diante das práticas de letramento, considerando-as como parte de um coletivo e não somente práticas individuais. Os novos letramentos são mais “participativos”, “colaborativos” e “distribuídos” e menos “publicados”, “individualizados” e “centrados no autor” que os letramentos convencionais, assim como são menos “dominados por especialistas” (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007). Essas características garantem aos usuários da língua mais autonomia e interação, bem como novas formas de se relacionar com as tecnologias digitais.

Na concepção adotada, ao pensarmos em letramento digital, devemos percebê-lo de forma plural, como um processo que engloba uma série de outros letramentos, então utilizamos o termo “letramentos digitais”. Estes, por sua vez, surgem diante da diversidade de práticas socioculturais na constituição de uma nova mentalidade e se materializam por meio das tecnologias digitais, sobretudo do computador, do celular e da internet. Suas principais características são:

colaboração e participação ativas, alavancando a inteligência coletiva por meio de práticas como a de induzir usuários anotações, distribuindo e voluntariamente compartilhando conhecimentos, descentrando a autoria, mobilizando informações para relacionamento, hibridização e afins (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007, p. 20).

Buzato (2006) já levantava questões pertinentes a esse debate, direcionando-o principalmente à formação de professores. Um dos pontos retratados pelo autor é que por serem práticas sociais e não variáveis autônomas⁵, os letramentos digitais são dialógicos, ou seja, tanto afetam as culturas e os contextos nos quais são introduzidos, ou que ajudam a construir, quanto por eles são afetados. Nesse sentido, é necessário que professores e alunos possam construir colaborativamente, através das tecnologias digitais, conjuntos de letramentos que os ajudem a atender às expectativas escolares e, ao mesmo tempo, os ajudem a exercer um papel social.

⁵ O termo se associa ao modelo autônomo para conceber o letramento, problematizado por Street (1984).

É relevante entender que professores e alunos atuam juntos nesse processo para desmitificar a concepção – a qual ainda é refletida em determinados discursos pedagógicos sobre o uso das tecnologias digitais – de que, por nascerem imersos em uma “cultura digital”, os alunos já sabem de tudo sobre os seus usos e os professores não possuem nada de novo a ensinar.

Ribeiro (2009) discute a problemática ao tratar dos nativos digitais a partir de Prensky (2001), o qual categorizou as pessoas em dois grupos: aqueles que têm contato desde cedo com as tecnologias digitais (experts no uso delas) e aqueles que não nasceram junto com elas e sim só tiveram acesso posteriormente (não alcançam a performance dos experts). Essa concepção reflete os valores dos aspectos técnicos envolvidos em saber usar um computador ou celular para jogos e redes sociais, por exemplo, pressupondo que as habilidades já estão condicionadas aos usos, mas desconsidera as vastas possibilidades diante das práticas, sobretudo de leitura e escrita, em ambiente digital que envolvem muito mais que habilidades operacionais.

Nesse sentido, é reforçado o trabalho com os letramentos digitais diante de que “devemos somar às práticas habituais de leitura os novos comportamentos dos leitores, assim como utilizar textos de diferentes mídias, em seus suportes reais” (COSCARELLI, 2016, p. 24). Em sua abordagem, explorar as potencialidades das tecnologias digitais não significa somente saber acessar *links*, por exemplo; é fundamental que o estudante execute os processos de navegação de forma consciente e crítica, considerando questões como a função de determinado *link* no texto, sua integração com outras mídias (música, imagem, vídeo) e as intenções/motivações por parte do autor/organizador da página ao sugerir determinado *link* em um ponto específico do texto.

A respeito dessas práticas, a tendência é de que haja uma descentralização do papel do professor como o único responsável pelo saber e, com isso, haja uma maior autonomia do aluno para que juntos possam atuar na construção do conhecimento (COSCARELLI, 2016). Nesse sentido, pensar em práticas de letramentos digitais que englobem essa visão culmina com a concepção que adotamos sobre estarem atrelados à mentalidade dos novos letramentos (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007; 2014), as quais contemplam uma nova forma de se relacionar por meio tecnologias digitais, pressupondo também novos modos de ensinar e aprender.

Considerando as discussões apresentadas em torno de práticas que promovam a descentralização do papel do professor e proporcionem aos estudantes maior autonomia na construção colaborativa do conhecimento, a perspectiva que assumimos diante dos letramentos digitais como novos letramentos é de que eles devem agregar não só *aspectos técnicos*, mas também novos *aspectos dos ethos*. Desse modo, pressupõem uma nova mentalidade que amplia o potencial das tecnologias digitais para uma visão de que essas tecnologias não são apenas um meio de fazer determinada ação com uma ferramenta tecnológica, mas sim uma nova atitude perante a realidade, pressupondo uma nova forma de pensar e de agir focada na coletividade como unidade de produção, competência e inteligência. Em suma, apresentamos algumas das especificidades que apontamos na conceituação dos letramentos digitais: 1) aspectos técnicos e novos aspectos do *ethos*; 2) nova mentalidade; 3) práticas de letramento diante das tecnologias digitais.

Concatenando as discussões e concepções estabelecidas, propomos falar em *Letramentos Digitais*, no plural, a partir de uma compreensão mais ampla do conceito elencado por Ribeiro e Coscarelli (2014)⁶:

letramento digital diz respeito às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e tablets, em plataformas como e-mails, redes sociais na web, entre outras

Os preceitos teóricos que permeiam o conceito apontam para fundamentos de uma base compartilhada por nós, a qual compreende os usos de textos em função de práticas sociais estabelecidas em ambientes digitais. A utilização do plural, como tratamos na pesquisa, não diz respeito aos diferentes canais/modos de veiculação propiciados pelo ambiente digital, mas sim à compreensão da diversidade das práticas sociais em diferentes esferas (cotidiana, escolar, jornalística, científica, etc), considerando que diante de esferas sociais distintas, emergem práticas condizentes com seus valores culturais, históricos e sociais, os quais variam em função do propósito comunicativo e demandam novas formas de pensar e agir.

Compreendemos, portanto, com Negócio (2020), *letramentos digitais* como práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, as quais pressupõem o uso das tecnologias digitais em função dos aspectos históricos,

⁶ Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-digital>

culturais e sociais que constituem e são constituídos pelos sujeitos em diferentes campos de atividade humana.

Considerações finais

Discutimos, ao longo desse percurso, como se deram as transformações conceituais da alfabetização até o que compreendemos como letramentos, refletindo sobre as transformações tecnológicas e seus impactos para a categorização de novos letramentos, culminando no que elencamos aqui como letramentos digitais. Enfatizamos que, ao propor um debate sobre o tema, não visamos estabelecer uma dicotomia entre o que já compreendemos por letramentos e o que chamamos de letramentos digitais; pelo contrário, almejamos integrá-los.

Reconhecemos que há inúmeros desafios na implementação dos usos das tecnologias digitais no ambiente escolar, dentre os quais podemos citar problemas de investimento na valorização do setor, falta de infraestrutura, desigualdades econômicas e sociais, bem como a própria resistência por parte de gestores, professores, estudantes e famílias. No entanto, a sua aplicabilidade no ensino pressupõe, antes de tudo, uma mudança na forma como compreendemos o trabalho por meio das tecnologias digitais. Se não há, por parte de professores, uma mudança na forma de perceber o ensino e, por parte dos alunos, uma mudança na forma de perceber a aprendizagem, as práticas de letramento vão continuar as mesmas, ainda que se use computadores, notebooks, celulares, internet ou qualquer outro recurso digital.

Portanto, evitamos concepções deterministas, que ramificassem os letramentos digitais em uma série de letramentos a partir de canais/modos, e redesenhamos uma compreensão dessas práticas considerando que, para além de elencar habilidades, é necessário pensar em seus usos a partir de novas formas de se relacionar com as tecnologias digitais diante da nossa realidade pedagógica.

Referências

ABUD, M.J.M. **O ensino da leitura e da escrita na fase inicial da escolarização**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1987.

ARAÚJO, J.; PINHEIRO, R. C. Letramento digital: história, concepção e pesquisa. In: GONÇALVES, Adair Vieira; SILVA, Wagner Rodrigues; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. (Org.). **Visibilizar a Linguística Aplicada: abordagens teóricas e metodológicas**. Campinas: Pontes Editora, p. 293-320.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BUZATO, M. E. K. Letramento digital abre portas para o conhecimento. **EducaRede**. Entrevista por Olivia Rangel Joffily em 23/01/2003.

BUZATO, M. E. K. Letramentos Digitais e Formação de Professores. In: **III Congresso Ibero-Americano EducaRede: Educação, Internet e Oportunidades**. Memorial da América Latina, São Paulo, BRASIL, 2006.

CAZDEN, C. et al. A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures. **Harvard educational review**, Cambridge, v. 66, n. 1, p. 60-92, 1996.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2. ed. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

COPE, B.; KALANTZIS, M. **A pedagogy of multiliteracies: learning by design**. University of Illinois, USA: 2015.

COSCARELLI, C. V (Org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

COSCARELLI, C. V. Letramento digital no Inaf. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.20, n.1, p. 153-174, jan./jun. 2017a.

COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. **Letramento digital**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

COSCARELLI, Carla Viana; GOMES, L. G. Letramento digital. In: Mônica Daisy Vieira Araújo; Isabel Cristina Alves da Silva Frade; Ludymilla Moreira Moraes. (Org.). **Termos e ações didáticas sobre cultura escrita digital**. 1ed. Belo Horizonte: UFMG/FAE/CEALE/NEPCED, 2022, v. 1, p. 138-139.

DUDENEY, G. *et al.* **Letramentos digitais**. Trad. MARCIONILO, M. São Paulo: Parábola editorial, 2016.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

GEE, J. P. **Social linguistics and Literacies: Ideology in Discourses**. London: Falmer Press, 1990.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A; MAGALHÃES, I. (Orgs). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KNOBEL, M; LANKSHEAR, C. **A new literacy sampler**. New York: Peter Lang Publishing, 2007.

KNOBEL, M; LANKSHEAR, C. Studying new literacies. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v. 58, n. 2, out. 2014.

LEU, D. J. *et al.* New Literacies: a dual-level theory of the Changing Nature of Literacy, Instruction, and Assessment. In RUDEL, R.B.; ALVERMANN, D. (Eds.), **Theoretical Models and Processes of Reading**, Sixth Edition, Newark, DE: IRA.

NEGÓCIO, P. A. G. **Letramentos digitais e ensino: uma análise a partir da Olimpíada Nacional em História do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Programa de Pós-graduação em Ensino, UERN/ UFERSA/ IFRN, Mossoró, 2020.

OLIVEIRA E PAIVA, V. M. **Letramento digital: problematizando o conceito**. **Revista da Abralin**, v. 20, n. 3, p. 1161-1179, 2021.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. **On the horizon**, MCB University Press, v.9, n.5, out. 2001.

RIBEIRO, A. E. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. **Revista da ABRALIN**, v.8, n.1, p. 15-38, jan./jun. 2009

RIBEIRO, A. E.; COSCARELLI, C. V. Verbete: Letramento digital. In: Isabel Cristina Alves da Silva Frade; Maria da Graça Costa Val; Maria das Graças da Castro Bregunci. (Org.). **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. 1ed. Belo Horizonte: Ceale FAE UFMG, 2014, v. 1, p. 181-182.

SOARES, M. As muitas facetas da alfabetização. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo (52), p. 19-24, fev. 1985.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, 23 (81), dez. 2002.

STREET, B. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. BAGNO, M. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

VERGNA, M. A. Concepção de letramento para o ensino da língua portuguesa em tempos de uso de artefatos digitais. **Texto livre: linguagem e tecnologia**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 1-16, 2021.